

## REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIAS COOPERATIVISTAS.

Elisandra Forneck<sup>1</sup>

### RESUMO

Esta comunicação é parte da pesquisa já concluída “Cooperalfa: memórias do Cooperativismo”, a qual tem como objetivo analisar a expansão do cooperativismo agrícola na região oeste de Santa Catarina e através das memórias dos fundadores, associados e funcionários da Cooperalfa, no período de 1967 a 1980, fazer uma discussão sobre lembranças, esquecimentos e a importância da Cooperalfa na vida das pessoas. Neste estudo, as principais fontes são as entrevistas orais. As pesquisas e entrevistas apontam que o cooperativismo provocou muitas mudanças na vida dos sujeitos envolvidos com a cooperativa, principalmente agricultores, em uma região onde a principal fonte de renda são as pequenas propriedades e a agroindústria. Uma questão muito perceptível nessa pesquisa é a formação de uma memória coletiva. Mas as memórias individuais também se destacam, principalmente quando os entrevistados falam sobre 'esquecer o que não foi bom', 'lembrar apenas do que trouxe alegrias', sendo perceptível a presença de questões delicadas e dolorosas que ainda persistem na memória de muitos, mesmo que todos os entrevistados citem a cooperativa como uma grande família.

**PALAVRAS-CHAVES:** Memórias e Experiências; Cooperativismo; Cooperalfa.

### INTRODUÇÃO

Há quase 200 anos, quando 27 tecelões e uma tecelã idealizaram o cooperativismo, já tiveram o cuidado de pensar num alicerce duradouro e estável, e para isso criaram os princípios do cooperativismo, que por incrível que pareça, mantém até hoje os fundamentos básicos em todas as partes do mundo e em todas as formas de cooperativismo. E esses ideais não nasceram de um dia para o outro. Foi fruto de homens geniais e muito sérios, uma proposta revolucionária, que transformou as relações entre o dono do capital e o dono do trabalho. São estes ideais que permitiram

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Unochapecó e Pós Graduada em História e Geografia: Ensino de História e Geografia, fronteiras do conhecimento pela Unochapecó. Acadêmica do curso de pós-graduação em História Regional da UFFS. E-mail: forneck@unochapeco.edu.br

ao cooperativismo buscar a eficiência exigida pelo sistema capitalista, porém desfrutando do senso de justiça preconizado pelo socialismo. E mais, os princípios do associativismo são perfeitamente adequados a qualquer cooperativa, seja ela de consumo, habitacional, de agricultores, etc.. Por isso, Dias ( 1991, p.25) defende que “[...] de uma forma geral, quando alguém quiser saber a razão do fracasso de determinada cooperativa, pode afirmar, sem medo de errar, que a causa do fracasso foi o desrespeito a um dos princípios que regem o cooperativismo.”

As cooperativas, junto com outras organizações, tornaram-se a base de um ideal rumo a uma participação mais igualitária e mais justa na sociedade. O cooperativismo procura reforçar as vantagens das relações humanas, da ajuda mútua, da crença numa sociedade em que todas as pessoas tenham os mesmos direitos e possibilidades de inserção social e econômica, assim:

[...] sem as cooperativas, a situação teria sido bem pior para o produtor rural, pois a cooperativa, apesar de suas distorções internas entre as quais a mencionada defasagem entre a 'empresa' que cresce e os associados que permanecem estagnados, ainda é um instrumento importante de barganha e de manutenção do produtor, especialmente o pequeno, graças a assistência técnica e a prestação de uma variada gama de outros serviços. Sem as cooperativas, enfim, muitos pequenos produtores teriam aderido à corrente da migração rural-urbana, ou em direção a outras fronteiras agrícolas. ( SCHNEIDER, 1999, p.312)

Foi no contexto da pequena produção que o cooperativismo penetrou de forma mais dinâmica e consistente no oeste catarinense. Mas, não podemos nos iludir que o cooperativismo foi apenas uma reação dos agricultores e graças a sua luta foi possível consolidá-lo. Rech (1986, p.56) mostra que na maioria dos lugares, incluindo Santa Catarina

[...] o cooperativismo foi tutelado e estimulado pelo Estado, na medida em que esta forma de organização dos produtores se adequava aos interesses representados pelo novo modelo de desenvolvimento nacional. [...] mecanismo de organização da produção em moldes associativos, que tanto atenderiam aos interesses do estado, quanto dos produtores.

Quando o mercado externo passou a exigir uma maior preocupação dos agricultores com a produção, as cooperativas viabilizaram a execução das políticas

voltadas para a exportação e ofereceram aos agricultores alternativas para a modernização dos modos de produção, entre elas, segundo Benetti (1982, p.42), “[...] reduziriam os custos operacionais e os gastos de circulação da produção; facultariam a compra de grãos; oportunizariam a difusão e incorporação de tecnologia avançada e garantiriam maior produtividade física e econômica da lavoura.” Nesse contexto, a mudança estrutural das cooperativas também precisou ser feita. Uma cooperativa bem mais 'empresarial', no qual os créditos financeiros liberados pelo governo puderam ser destinados.

O cooperativismo na região oeste de Santa Catarina pode ser focalizado na perspectiva das transformações ocorridas no setor rural e sua relação com os agentes que viabilizaram a expansão e reprodução do capitalismo na agricultura. As cooperativas agrícolas situam-se no contexto em que as estruturas dos produtores e do sistema econômico rural são frágeis, ou melhor: as diferenças econômicas inter-regionais; as diferenças entre agricultura tradicional e agricultura de exportação; diferenças sócio econômicas dos agricultores gerados pelo modelo de desenvolvimento econômico brasileiro dependente, em que, segundo Duarte (1986, p.42).

A organização da produção tornou-se fundamental para a modernização do campo. O capital vem penetrando a estrutura das unidades rurais de produção através de mecanismos tecnológicos, financeiros e organizacionais. [...] as cooperativas agrícolas que conseguiram se manter vivas foram aquelas que maximizaram oportunidades e atingiram uma racionalidade econômica semelhante as demais empresas, [...] os quais gravitam ao redor do associado e não da organização .

Muitos trabalhos sobre a região oeste de Santa Catarina priorizaram o progresso econômico, a modernização e o desenvolvimento e deixaram de lado os sujeitos que produzem essa história. A história oral e as memórias foram por muitos anos silenciados por experiências de perseguição, preconceito e sofrimento. Mesmo assim, elas podem ser despertadas através de novas perguntas e pesquisas.

Para entendermos melhor as particularidades de cada região, a história local pede um olhar mais atento no sentido de [...] pensar região enquanto construção histórica, levando-se em conta os seus processos de constituição e de transformação.( Marcon, 2003, p.55) São aquelas histórias que acontecem mais próximas ao sujeito, ou

seja, no município, na cidade, na comunidade, no bairro, na família, nas instituições. Escrever e pensar a história, desta forma, possibilita um maior entendimento daquilo que está diretamente ligado com o nosso passado.

O [...] reconhecimento do passado não significa legitimá-lo. Daí a necessidade de interrogá-lo continuamente com uma dupla intencionalidade: para não perder de vista raízes sobre as quais foi construída a história e para não usar o passado como justificativa da dominação no tempo presente. (MARCON, 2006, p.10).

Assim como a história regional, a história oral também foi relegada durante muito tempo pelos pesquisadores que defendem uma história única, homogênea e vazia de sujeitos. Nesse relegar do 'local' pelos historiadores, quem acabou muitas vezes assumindo para si a escrita destas histórias foram pessoas sem a formação específica, sem ter as ferramentas teórico-metodológicas, para que pudessem realizar as análises mais apuradas do passado local. Assim, para Dmitruk (2001, p.10)

Frequentemente, o historiador local estará utilizando a reflexão acumulada sobre sua experiência de vida e não é acidental que tantas histórias de vilas e paróquias tenham sido escritas por homens e mulheres ativamente engajados em eventos locais, desde clérigos e advogados no passado até ativistas de movimentos comunitários de hoje [...] sindicalistas veteranos, depois de uma vida de atividades assumirão a História da federação sindical; professores aposentados irão falar sobre a escola local, e juízes de paz e vereadores farão o relatório dos eventos municipais. O velho faz de si uma biblioteca e um arquivo.

Não se trata de jogar fora a história global, mas de partirmos do local, do específico, do imediato e fazermos uma ponte, de buscarmos a compreensão de como o que acontece em meu bairro tem ligação com o nacional e mundial. Koselleck (2006, p.13/14) discute em sua obra que a “busca do cotidiano do tempo histórico” não pode deixar de

[...] contemplar as rugas no rosto de um homem, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido [...] deve evocar na memória a presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes [...] que observe também o diferente ritmo dos

processos de modernização sofrido por diferentes meios de transporte, que do tremó ao avião, mesclam-se [...] que contemple a sucessão de gerações dentro da própria família, assim como o mundo do trabalho [...] diferentes espaços da experiência e o entrelaçamento de distintas perspectivas de futuro, ao lado de conflitos ainda em germe.

A história oral permite que se possa segundo Ferreira/Amado( 1996, p.24) “[...] perceber com maior clareza a articulação entre, de um lado, as percepções e as representações dos atores, e, de outro, as determinações e interdependência que tecem os laços sociais.” dando maior importância e visibilidade às memórias e experiências vividas. O registro de memórias pode ser uma condição para compreender problemas históricos, principalmente políticos. Daí o extremo cuidado para não idealizar os acontecimentos e experiências culturais, perceber quem conta, o que conta, de quem quer lembrar, o que quer lembrar e porque quer lembrar ou esquecer. O historiador precisa levar em conta que escrever história “[...] exige a superação do estágio da simples descrição do acontecimento resultante da utilização das fontes, levando-se em conta as leituras sucessivas que atribuem um sentido sempre mutável aos diversos estágios constitutivos da memória coletiva. ( Dosse, 2001, pg. 36) Por isso a importância de diferenciar história de memória. A historiadora Teresa Luporini (2002, p.332) cita a diferença entre elas segundo os conceitos de NORA( 1984)

[...] memória é a vida, emerge de um grupo que ela une, é múltipla, coletiva, plural e individualizada, é efetiva e mágica, se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto; a materialização da memória está representada nos museus, arquivos, bibliotecas, centros de documentação e banco de dados; [...] História é uma representação do passado, é operação intelectual que demanda análise e discurso crítico, possui vocação universal, lida-se às continuidades temporais, estabelece relações, trabalha com o relativo, a materialização da História ocorre por meio da produção do conhecimento histórico.

É muito importante lembrar que a história não se faz apenas com narrativas. Não basta redigir acontecimentos, colocando-o como se fossem a verdade. É preciso produzir embates, procurar pequenos aspectos que às vezes parecem sem importância, cruzar várias fontes, analisar os conflitos de interpretação. É preciso fugir das certezas, para que a história possa assumir seu caráter detetivesco. E como escreve Albuquerque

Junior ( 2007, p.87) “A História, em nosso tempo, não pode ser discurso de construção, mas de desconstrução, discurso voltado para compreender o fragmentário que somos, as diferenças que nos constituem, o dessemelhante que nos habita”.

## **DESENVOLVIMENTO**

A velocidade com que se deu abertura das fronteiras geográficas no século XX resultou num acesso desigual a internacionalização econômica e cultural. Em sua obra *Culturas Híbridas*, Canclini (2003) chama a atenção para a subordinação econômica que a modernização provocou e também para essa mesma modernização que exclui e discrimina. Na mesma obra, o autor diz que na América Latina “[...] tivemos um modernismo exuberante com uma modernização deficiente.” Com a globalização, maior que seus benefícios, vieram os desafios: uma parcela grande da população não tem acesso aos meios de comunicação, tecnologias e educação. E essas mudanças, na região oeste de Santa Catarina, passaram a ser percebidas de maneira mais intensa a partir das décadas de 50 e 60 do século XX, em um cenário mundial pós-guerra repleto de grandes reviravoltas econômicas e culturais. Conforme Marcon ( 2003, p.102) “ É a cidade se impondo sobre o campo”. Por ser uma região colonizada por descendentes de europeus, ela foi considerada alvo fácil das pretensões capitalistas que o governo tinha para o campo. “A dinâmica socioeconômica, que se estabeleceu desde o início da colonização, caracterizou-se pela predominância da família enquanto unidade organizadora do processo produtivo e do trabalho.” (EIDT, 1999, p.62) Famílias numerosas e com a características de economia familiar eram o que as agroindústrias buscavam para reproduzir seu projeto de expansão na região. “Nesse processo, a agricultura, que era o centro do assim chamado complexo rural, passou a fazer parte do complexo agroindustrial” (MIOR, 2005, pg. 45).

O empobrecimento dos agricultores devido a uma sucessão de safras malsucedidas, a má utilização das terras, o abandono da produção de alimentos e as políticas agrícolas governamentais estavam piorando cada vez mais a situação da agricultura na região oeste. Os produtores sabiam que precisam se organizar para resistir

à crise, mas muitas vezes esbarravam na visão empresarial de competição econômica e política, assim percebia-se que, “no cooperativismo catarinense falta muitas vezes uma doutrina cooperativista conscientizadora, os associados tiveram de ser conquistados mediante apelos puramente capitalistas e quando não, influenciados por uma mistura de cooperativismo com capitalismo” (Jornal Elo Cooperativo, julho/1984).

Nesse cenário de crise, a cooperação agrícola surge como uma alternativa para resistir perante a crise e se proteger dessas mudanças e, principalmente, das mãos dos atravessadores desonestos e oportunistas. “[...] agir é sempre agir “com outros”: a interação pode adotar a forma da cooperação, da competição ou da luta.” (RICOUER, 2010, p. 98). A inexistência de políticas agrícolas governamentais para o setor faz crescer nas pessoas não apenas a necessidade de construir formas de resistência na agricultura, mas também traz a necessidade de superar modos de pensar e agir, ou seja, a inevitável superação de modelos de comportamento. O cooperativismo parecia ser a melhor opção, não fosse o descrédito com o mesmo, que ia aumentando depois de várias tentativas fracassadas vivenciadas no RS<sup>2</sup>. Para Schneider (1999, p.368)

O cooperativismo, apesar de sua mensagem idealizada, tendia a reproduzir e a reforçar as condições estruturais vigentes na sociedade brasileira. Ou seja, não atenuava as grandes diferenças e os conflitos de interesses existentes entre as classes sociais e especialmente entre grande e pequenos proprietários e produtores rurais, mas as mantinha e reproduzia dentro das cooperativas, bem como não atenuava, mas reproduzia em si as disparidades regionais.

Apesar da desconfiança, com apoio do Banco do Brasil, da Sociedade Amigos de Chapecó e da prefeitura, das 37 pessoas assinantes da primeira ata, (e outros nomes ocultos na história) em 29 de outubro de 1967, no Clube Recreativo Chapecoense, Luiz Baldissera, então presidente da Sociedade Cooperativa Triticola D’ Oeste Ltda., coordena a primeira reunião oficial da Cooperativa Agropastoril de Chapecó Ltda. e a eleição de Aury Luiz Bodanese como presidente. Sobre as cinzas da falida tritícola, que segundo Gil Tosi, colega de Setembrino [...] estava desativada por falta de dinamismo de uma diretoria que não tocava coisa nenhuma. (TOSI, 30/08/2008) se fundamenta a

---

2 A maioria dos agricultores do oeste catarinense eram oriundos do Rio Grande do Sul, estado que vivenciou muitos problemas com suas cooperativas, principalmente com a má-fé dos seus administradores. Durante muito tempo, falar de cooperativismo na região era muito complicado, a desconfiança com o sistema era grande.

nova cooperativa. Quando a ação e a cooperação mostraram resultados concretos, quando a Cooperalfa passou a construir uma identidade cooperativa e o cooperativismo passou a ser visto como horizonte possível, a desconfiança de muitos agricultores em relação ao sistema, aos poucos, passa a ser visto com outros olhos.

No primeiro balanço da cooperativa, em 30 de abril de 1968, os números movimentados e as sobras animaram ainda mais os agricultores. Salários em dia, taxas, imposto e demais despesas pagas sem nenhum atraso. Com sobras de NCr\$ 52.520,00, a cooperativa respirava ares de progresso. Aury Bodanese, mesmo recebendo o voto de confiança dos associados, num tom de desafio para aqueles de falavam mal da iniciativa, encerra a reunião acima citada com o seguinte dizer “ Para aquele que não possui tino administrativo, e que acham que o nosso empreendimento possui mão-de-obra ociosa, pessoal demais, devem compreender, que o serviço prestado por este pessoal, foi o mais valioso, para se chegar ao resultado que chegamos [...]” (Ata de 30/04/1968). Um ano depois a cooperativa já contava com 345 associados e em 1987, a Alfa já estava com 14058 associados e 1275 funcionários. Hoje, chamada Cooperativa Agroindustrial Alfa Ltda., é uma das maiores cooperativas do país.

Foi dessa exaltação do nome Cooperalfa que surgiu a vontade de ouvir as histórias de quem participou dos primeiros passos da mesma. As memórias do cooperativismo que eram apresentadas nos principais meios de comunicação em função da comemoração dos quarenta anos de Cooperalfa em 2007 nos instigaram os muitos questionamentos: será a cooperativa tão perfeita quanto tentam mostrar? Dos quase quarenta associados que assinaram a ata de fundação, porque apenas alguns ganham destaque? Os outros não foram atores? Essa cooperativa não tem problemas?

Nesse trabalho foram entrevistadas pessoas que participaram da fundação e primeiros funcionários e associados. A surpresa foi grande com várias histórias. Nas entrevistas, os depoentes, “[...] contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez.” Portelli (1997, p.31)

Sem exceção, todos os entrevistados falam da imensa dificuldade do início. E a maioria não entendia nada de cooperativismo, carregava consigo apenas uma grande vontade de mudar a situação em que todos viviam. Mesmo não conhecendo a rotina que a envolvia, a maioria que foi chamada para fazer parte, acabou concordando, mais pela



confiança que tinham no nome de Setembrino Zanchet do que em cooperativismo. Seu Alcides Fin confirma

[...] não era só eu, o Aury era comerciante, não entendia nada de cooperativa, o único que entendia alguma coisa era o Baldissera, que tinha sido presidente dessa cooperativa que quebrou. O Orlando Cella não entendia nada, era madeireiro, o Kovaleski era ervateiro, morava lá no Bormann, tudo assim, mas eles pegaram nós porque nós morava tudo perto, era colono, eles já me conheciam, tinha feito financiamento, tinha para certo eles. Até disseram que não era para trabalhar, mais era. (FIN, 01/07/2208).

Em conversa com Rovílio Scussiato ele destaca também esse ponto, a desconfiança em relação à cooperativa e ao mesmo tempo a crença da honestidade de Zanchet e Bodanese:

É o cooperativismo naquela época estava muito em baixa, era muito mal visto. Então, foi bastante difícil. Acontece que nós tínhamos aqui o gerente do Banco do Brasil, que era muito bem visto. E agente teve apoio também de outras pessoas, de órgãos não governamentais de certa expressão, que apoiaram esse trabalho, sabe. E inclusive a igreja deu em parte esse apoio e o agricultor confiava e daí que foi fácil. Se era só pelo colono em si ia ser difícil porque eles não creditavam muito não, porque as cooperativas andavam falidas, muita falcatura e muita coisa nas cooperativas (28/06/2008).

Essa desconfiança em relação ao cooperativismo geralmente vinha como alerta dos pais. Fiorelo Onghero conta que ouviu muitas histórias de seu pai de pessoas que em tinham sido vítimas de falcatruas no Rio Grande do Sul. Ele lembra que ouvia atentamente os alertas do pai.

No início a gente ficava desconfiado, pois os pais sempre avisavam que tinha muitas que faliram, mas também tinha as que deram certo e vão para frente. E aqui disseram que iriam entrar com uma turma de gente boa, boa parte da aqui da Colônia Cella, e os outros também eles conheciam, e vamos formar uma cooperativa legal (25/08/2008).

Para algumas famílias, o cooperativismo parecia não servir para os pobres. Para os pequenos então, ficava aquela sensação de que um 'cara' da Alfa, 'importante' não convidaria uma simples e humilde família para se associar. Mas as pessoas que faziam visitas para convidar mais pessoas a se associarem, surpreenderam muita gente. Veja o que Julmir Cecon lembra de quando ainda era criança. Diz que jamais vai esquecer do dia em que Walter Wagner apareceu de fusca na sua casa:

Chegou lá em casa, numa noite fria, chovendo, um senhor chamado Walter Wagner, [...] esse senhor veio até lá para convencer o pai a se associar na cooperativa, [...] e minha mãe ficou muito preocupada, imagina, uma autoridade da Alfa, tudo bem que era funcionário, com um fusca vermelho, nós pensamos, ele nem vai sair deste buraco, [...] aí ela fez a melhor comida do planeta para ele, um banquete, fez peixe, queijo frito e um monte de coisas, mas detalhe, ele comeu polenta “potchada” no vinagre junto com a raiz de uma arvorezinha que se colhe no mato, parecida com “raditche”, ele só comeu aquilo, pois fazia muitos anos que ele não comia isso. Para você ver, a origem dele era outra. Toda aquela comida “boa” que a mãe preparou, ele não comeu. Nem salame ele comeu, o que de certa forma chocou nós. É uma cena que eu não me esqueço nunca. E que o pai falou daquilo “meu deus eles são gente simples como nós”, e realmente seu Walter era assim, daquele jeito como havia demonstrado aquela noite, simples e humilde. Então o conceito que ficou “vamos se associar amanhã, eles são gente simples” (27/06/2008).

Família cooperativista foi à palavra que mais eu ouvi e vi provocar emoção nos entrevistados. Esse sentimento que se via transbordar na tela da TV, nas linhas de um jornal e nas lágrimas de um rosto, pude sentir de perto. Ao ser perguntado, o Sr. Baldissera diz que se o sentimento família que a cooperativa tenta transmitir é sentido por ele

Sim, não tinha porque não, porque eram todos conhecidos, para mim e minha família, naquela época eu visitei todas as famílias, todos esses postos que tinha no interior bem dizer fui eu que criei, escolhia o lugar e tudo mais, eu fui sempre conhecido de todo mundo [...] Era tudo um só, era como irmãos [...]. Quando a gente fazia promoção e esses eventos era uma união só, nessa parte de união, graças Deus, principalmente os que trabalhavam comigo lá dentro, sempre tinha uns sessenta. Um dia entrei num bar em cara de longe falou “olha aí meu pai entrando” (BALDISSERA, 09/09/2008).

Sérgio Giacomelli andou por muitos municípios quando a Alfa foi implantada, e diz emocionado da satisfação de ver a Alfa fazendo diferença em cada lugar que faz morada.

A economia mudou com seriedade, porque o preço era regrado feito por uma meia dúzia, e partir do que Alfa entrou às vezes não se pagava o melhor preço, e não vendia-se mais barato do que os outros, mas balizava-se os preços, então acho que a economia, os municípios, hoje nós estamos em 78 municípios, um supermercado, a arrecadação, o retorno de ICMS, as parcerias com as prefeituras melhorou-se as estradas ( GIACOMELLI, 13/09/2008).

E não bastava ser cooperativa, receber e pagar, de nada isso adiantaria se a orientação técnica não se fizesse presente. Num cenário de agricultura rudimentar, talvez esse seja o principal trabalho a ser feito inicialmente pela cooperativa: orientar o manejo e produção para melhorar a produtividade.

[...] deu desenvolvimento, o pequeno agricultor recebeu um amparo, porque ele pegava tudo o que precisava na cooperativa, nós tínhamos tudo o que ele precisava machado, enxada, martelo, um prego, uma dobradiça, o que ele precisa nós tinha. E nós começamos a comprar a produção dele e ela já não precisava se preocupar se ele ia vender a produção para o comerciante que explorava o preço, [...], a cooperativa sempre dava sobras e dessas sobras o agricultor participava, para o agricultor foi muito bom, [...], Ensinavam até as mulheres dos agricultores a cozinhar, porque na colônia era meio assim, tipo índio, o pessoal que morava no interior era um povo mais atrasado, as esposas dos agricultores não sabiam nem cozinhar, faziam comida, mas não era comestível, mas eles estavam acostumados. [...] Gente fazia reuniões com os agricultores, com esposas, filhos, filhas. Nós ensinávamos para as mulheres, muitos homens recebiam o cheque da cooperativa e iam descontar o cheque no Banco depois iam para a zona, ficavam dois a três dias fazendo festa, e quando chegavam em casa não tinham mais dinheiro. Isso era normal, o colono quando sai de lá ficava louco na cidade, até isso nós tivemos que dar uma lição para toda a turma. Os agricultores progrediram mais ou menos duas gerações. (SERRANO, 30/06/2008).

Mas, segundo Rovílio Scussiato, nem tudo era maravilha. Os agricultores menores ficaram esassistidos, já que em sua opinião, a cooperativa não primava pelos verdadeiros ideais do cooperativismo:

Nunca atendeu, nem no começo, o lado social e do pequeno não atendeu, só que tinha, você ver pela fundação, pelos primeiros sócios, [...] a elite dos agricultores daquele tempo nós pegamos para começar a cooperativa, não foi classe média e pobre da agricultura, não. O mais pobre era eu (SCUSSIATO, 26/08/2008).

E ainda havia a figura controversa de Aury Bodanese.. Amado e idolatrado por muitos, odiado por outros. Foi um grande líder, isso ninguém nega. Espírito de comerciante e acima de tudo honesto, como fazem questão de ressaltar todos os entrevistados. Na sua época, do seu jeito, liderou o sonho de muitas pessoas. Liderou pela confiança das pessoas que acreditavam no seu caráter e no seu tino para o comércio. Giacomelli fala com orgulho de ter trabalhado ao seu lado

O Sr. Aury foi o capitão, o grande mestre, mas junto com ele tinha trinta e sete associados [...]. O seu Aury se destacou porque foi o grande baluarte, eu sempre digo , é uma alma viva que está dando forças para nós administrar. E ele sempre foi um cara puro, na época ele era político, era cooperativista, político no sentido de brigar pelas coisas, então despontou seu nome como um grande líder cooperativo (GIACOMELLI, 13/09/2008).

Ao mesmo tempo em que ressaltava-se suas qualidades, havia ressentimentos por suas atitudes muitas vezes patriarcais, autoritárias e centralizadoras. Um exemplo disso citou Olivio Baldissera:

Porque ele não deixava ninguém crescer lá dentro. Quando o cara começava a crescer ele cortava, sempre cortou. Não gosto de falar. Ele entrou na cooperativa pelo banco do Brasil, pois ele devia uma conta meio grande, que para pagar não era fácil. E o Setembrino Zanchet, que viu nele um homem vivo, porque na parte comercial dá para tirar o chapéu para ele, mas em outras [...] E o Banco para se cobrar a conta formou a cooperativa, reestruturou a tritícola, trouxe o Aury para dentro, daí a cooperativa já comprou a propriedade dele no Alto da Serra, e aí a devedora passou a ser a cooperativa. Até foi bom, porque nessa parte de comercial ela era nota 10. Só que os companheiros dele, que ajudaram a levantar a cooperativa ele só prejudicou, tratou de descartar (BALDISSERA, 09/09/2008).

Como todos os entrevistados, Rovílio Scussiato também não questionou a competência do Sr. Aury “[...] porque o Aury Bodanese, que foi presidente, e foi um que deu destaque enorme da cooperativa, ele levou muito, muito a sério, com uma competência extraordinária”.

Mas perguntado sobre a quase unanimidade na escolha do nome de Aury como presidente, ele disse o seguinte:

Nós tínhamos um prazo mínimo para da uma resposta para o governo, para pedir a reestruturação da cooperativa. Ele já tinha experiência, íamos por quem naquela época, um era Baldissera, tinha um dos Braun, tinha eu e o Aury Bodanese, porque verdadeiramente agricultor não tinha nenhum. Ali tinha um caso que eu não gostaria muito de tocar, o Banco do Brasil tinha bastante negócios com o Aury Bodanese, e o Aury também devia no banco, então ali uma mão lavou a outra depois, mas ninguém toca nisso (SCUSSIATO, 26/08/2008).

Polêmicas essas opiniões. São questões um pouco delicadas, mas segundo Sebastião Schneider, não é bem assim e a verdade precisa ser dita:

Não é delicado não. Eu trabalhei oito anos do lado dele, doze anos de líder, e acompanhava esse sistema dele. Ele garrava e só ele que mandava. O Aury aquela vez, nasceu para ser o fundador da cooperativa, devemos muita obrigação para ele, ele era um cara poderoso naquela época [...] Ele não era homem de trocar idéias [...] Eu sentia que o que ele mandava, nem que caísse o mundo na cabeça dele, o que ele mandava tava mandado, não adiantava. Ele não abria mão para funcionário, não aceitava conselho de ninguém, a própria diretoria era ele que fazia e mandava. Se hoje ele fosse vivo e tocasse a Alfa ela quebrava. O sistema dele aquela vez funcionou, mas hoje não funciona, porque ele era desse jeito, ditador. [...] naquela época era um baita homem para o negócio, porque ele tinha muita honestidade e o povo confiou, na época o governo ajudava as cooperativas, hoje não ajuda mais, a verba vinha e se repassava para os agricultores, e ele era honesto e fazia bem certo, a cooperativa subiu e o povo confiou, as verbas eram muitas, juro barato, milhões e milhões, mas se fosse hoje, a situação brasileira do jeito que tá, ele não dura trinta dias. Sô franco em dizer, o negócio hoje é trocar ideias (SCHNEIDER, 24/03/2008).

O sentimento de frustração e mágoa acabou vindo à tona antes mesmo de começar as entrevistas, percebida na recusa de falar sobre a cooperativa. A falta de espaço para expressar as opiniões, um poder patriarcal focado na figura de Aury Bodanese que acabava centralizando as decisões e muitas vezes não deixava espaço para outras opiniões, acabou gerando muito conflitos. Mas, como não havia espaço para manifestar opiniões contrárias, as mágoas acabavam por ocasionar afastamentos ou um silêncio que corroía o peito de quem se calava.

Para Gil Tosi, sua grande frustração não foi com a cooperativa, mas com a falta de valorização de algumas pessoas, que a seu ver, eram as responsáveis pelo cooperativismo na região.

Eu tenho uma profunda mágoa de um cara, mas eu não quero te falar. (não quer citar nomes) As mágoas de um funcionário não valem nada, porque a minha missão era em nome do Banco do Brasil [...] Eu cansei de chegar à presidência do Aury e pedir para tomar conta de Xaxim e trazer para o seu seio o Hércule Roman, foi o que ele fez depois, e esse fator, no meu ponto de vista, foi decisivo para se tornar a Alfa de hoje. Porque o patrimônio da Xaxiense sempre foi excelente. [...] Tinha um cara lá que se parecia com a figura do Camões, nas primeiras vezes eu até tinha medo dele, uma cara feia que só vendo. Um dia o Hércule me falou assim, Gil, esse homem aí, esse homem é o cara para quem a cooperativa mais deve de todos os associados, e mesmo assim, está sempre aqui, nos apoiando. Ele é o maior cooperativista da Xaxiense, nunca deixou de trazer produto aqui, e se pedir para ele avalizar alguma coisa, ele nunca diz que não. [...] Para mim tinha que ter uma estátua dele, pois você acha que se alguém me

deve dez mil e não me paga eu ainda vou avaliar alguma coisa? Mas nem pensar, mas esse cara fazia. Não lembro o nome dele. [...] Nunca houve uma citação na história das cooperativas sobre esse homem, sobre seu Faé, sobre seu Winckler de São Carlos ninguém fala, porque para mim esse caras foram alicerces dessas cooperativas. (TOSI, 30/08/2008).

Bom, já vimos anteriormente que várias pessoas achavam o Sr. Aury autoritário, e isso foi a grande mágoa de Baldissera. Segundo ele, não havia espaço para crescer e o boicote a suas iniciativas eram frequentes. Uma grande tristeza cobre o semblante de Olívio quando ele se lembra da história. Veja:

Ele fazia isso de um jeito ditador, reunia 25 pessoas e fazia. No dia que espirava o prazo para entrega dos nomes da chapa concorrente, eu estava em Campo Erê na minha filha. Viemos embora, pois eu tinha certeza que não iam deixar o Flávio concorrer. Mas acabei eu indo lá e enfrentei o Auri, que me disse que se eu fizesse 10% dos votos ele se considerava derrotado. Eu fiz 25% dos associados que vieram, pois naquele dia chovia muito e todos os associados que ele desconfiavam que iam votar em mim eles não deixavam embarcar no ônibus, proibiram ferozmente. Dos nove mil associados, apareceu 4500. Na lógica eu tinha ganho, pois quase todos os que iam votar em mim não puderam vir (BALDISSERA, 09/09/2008).

Para Rovílio Scussiato, a sua grande decepção foi a lado social da cooperativa. Para ele, a cooperativa devia dar mais atenção ao pequeno produtor, pois é ele o pilar da cooperativa. Sem os pequenos, o cooperativismo não tem sentido.

[...] eu vejo o lado social como uma grande falha na cooperativa. Se você entende como princípio da cooperativa ser um capitalismo selvagem, de fazer com que a empresa cresça, não importa se está pisando por cima de alguém ou não, que ela cresça economicamente, vendo por esse lado, dá para dar uma nota grande para a Cooperalfa, se este for seu princípio; mas se for ver o lado humano, onde você vê a maioria (todos, não só os grande) como agente de mudança e transformação, então a cooperativa falhou e a nota que atribuo é baixa. (SCUSSIATO, 26/08/2008).

Apesar de toda a admiração pelo seu trabalho, as discordâncias quanto ao jogo de poder e as relações conflituosas com algumas pessoas acabaram deixando muitas mágoas. Mágoas essas que podemos perceber no silêncio de uma pergunta sem resposta, na lágrima que cai ou no semblante fechado que uma lembrança provoca. Mágoas,

também, que já não tem mais tanto espaço no coração de quem se sentiu traído nos ideais que defendia. O tempo acaba por amenizar as maiores feridas, apesar de algumas ainda sangrarem no despertar dos esquecimentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deslegitimar memórias é uma das principais tarefas da história, por sinal nada fácil. Contrapor a memória consagrada por um grupo não significa afirmar que a construção das suas memórias é mentira. As pessoas fazem questão de retirar do passado apenas aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. As memórias são “[...] patrimônio que o grupo detém e que é uma parte importante de sua identidade. (ALBERTI, 2004, p.24)”

A região oeste de Santa Catarina tem uma diversidade cultural muito grande, e as memórias também. O registro de memórias não apenas mérito de um trabalho acadêmico, com ele buscamos 'pretensiosamente' atizar as pessoas a valorizar a história que está do seu lado, na esquina de sua rua, no seu próprio lar. Como cita Ricouer (2007, pg.420), “O passado não é mais garantia do futuro, eis a razão principal da promoção da memória como campo dinâmico e única promessa de continuidade”.

Nas conversas com associados, pode-se perceber que algumas pessoas ainda têm receio de falar sobre sua história. Alguns têm medo de represálias ou de ofender alguém, mesmo os que já morreram. Por muitas vezes ouvia-se dos associados 'vou te contar uma história, mas isso não vale nada, o que vale a história de um simples cidadão?'. O surpreendente é que dessas histórias 'que não tem importância' são, as vezes, mais emocionantes, com detalhes que levantaram outras questões. Notou-se outra coisa interessante, nas primeiras entrevistas, o nome da Cooperalfa sempre era citado como apoiadora da pesquisa, e pode-se perceber que os entrevistados não falavam tudo o que queriam falar, principalmente quando questionados sobre os problemas da cooperativa, sobre as discordâncias. Vários deles só conversavam a vontade quando o gravador era desligado e a conversa se tornava mais informal. A razão disso na maioria das vezes, era

para preservar nomes. Alguns até falaram em evitar conflitos, mesmo com pessoas que já faleceram.

Essas memórias são um tesouro que a história regional e o cooperativismo não podem ignorar. Esse trabalho está apenas no começo. Uma infinidade de fontes já está separada para seguir com essa pesquisa. A importância do cooperativismo na região oeste de Santa Catarina está evidente na economia de quase todos os municípios. É de suma relevância a história local para a própria comunidade. É esse o resultado esperado. Atiçar as pessoas a valorizar a história que está do seu lado, na esquina da rua, no seu próprio lar, na sua memória.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALBERTI, Verena. Tradição oral e História oral: proximidades e fronteiras. História Oral: **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, janeiro a junho de 2005. vol.08, n.1, p. 11-28.

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz. História: redemoinhos que atravessa os monturos da memória. In: \_\_\_\_\_ **Historia: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História.** Bauru/SP: Edusc, 2007, p.85-97.

BALDISSERA, O. **Entrevista com Olívio Baldissera.** [9 de set. 2008.] Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2008. Projeto de Pesquisa “Cooperalfa: memórias do cooperativismo.”

BENETTI, Maria Domingos. **Origem e formação do cooperativismo no Rio Grande do Sul: uma análise do desenvolvimento da COTRIJUÍ, COTRISA e FECOTRIGO 1957-1980.** Porto Alegre: Fundação da economia e estatística – FEE, 1982.171p.

CANCLINI, Néstor Garcia. **A globalização imaginada.** São Paulo: Iluminuras, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade / Néstor Garcia Canclini; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.**

CECON, J.. **Entrevista com Julmir Cecon.** [10 de mai. 2008.] Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2008. Projeto de Pesquisa “Cooperalfa: memórias do cooperativismo.”

COOPERATIVA REGIONAL ALFA. **Atas das reuniões ordinárias.**

DIAS, José Peregrino Araújo. **Cooperativismo: o que é, por quê e como.** São Luiz: Instituto do homem, 1991.50 p.



DMITRUK, Hilda Beatriz. **História, memória e legados culturais no Oeste catarinense**. Série interdisciplinar, 42, Agosto, 2001. Grifos.

DOSSE, François. **A história à prova do tempo**: da história em migalhas ao resgate do sentido. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

DUARTE, Laura Maria Goulart. **Capitalismo e Cooperativismo no R.G.S.** Porto Alegre: L e PM, 1986.

EIDT, Paulino. **Porto Novo**: da Escola Paroquial ao Projeto de Nucleação, uma identidade em crise. Ijuí, Rio Grande do Sul. UNIJUI, 1999. 122 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FIN, A.B. **Entrevista com Alcides Biffi Fin**. [1 de jul. 2008.] Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2008. Projeto de Pesquisa “Cooperalfa: memórias do cooperativismo.”

GIACOMELLI, S.A. **Entrevista com Antônio Sérgio Antônio Giacomelli**. [13 de set. 2008.] Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2008. Projeto de Pesquisa “Cooperalfa: memórias do cooperativismo.”

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição a semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC –Rio, 2006. 368 p.

JORNAL ELO COOPERATIVO, Santa Catarina. 1984

JORNAL O COOPERALFA. Chapecó, outubro 2007. Ed. 225

MARCON, Telmo. **Memória, história e cultura**. Chapecó – SC: Argos, 2003.

MIOR, Luiz Carlos. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005. 338 p.

ONGHERO, F. **Entrevista com Fiorelo Onghero**. [25 de ago. 2008.] Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2008. Projeto de Pesquisa “Cooperalfa: memórias do cooperativismo.”

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, EDUC, fevereiro de 1997, vol.14, p.25-40.

RECH, Daniel. **Cooperativas**: uma alternativa de organização popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 190 p.

RICOUER, Paul. História e Tempo. In: \_\_\_\_\_ **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: Unicamp, 2007. 357-421.

RICOUER, Paul. Tempo e Narrativa. In: \_\_\_\_\_ **Tempo e Narrativa**. A intriga e a narrativa histórica. V.1. São Paulo: Ed. WNF; Martins Fontes, 2010. P. 93-115.

SAMUEL, Raphael. História Local e história oral in: **Revista Brasileira de História** 19 (1991.219p)

SCHNEIDER, A.S.. **Entrevista com Antônio Sebastião Schneider**. [25 de mar. 2009.] Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2009. Projeto de Pesquisa “Cooperalfa: memórias do cooperativismo.”

SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia, participação e autonomia cooperativa**/ José Odelso Schneider. 2. Ed. São Leopoldo: Unisinos, 1999 496 p.

SCUSSIATO, R.. **Entrevista com Rovilio Scussiato**. [28 de jun. 2008.] Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2008. Projeto de Pesquisa “Cooperalfa: memórias do cooperativismo.”

SERRANO, O. **Odilon Serrano** [30 de jun. 2008.] Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2008. Projeto de Pesquisa “Cooperalfa: memórias do cooperativismo.”

TOSI, G. **Gil Tosi** [30 de ago. 2008.] Entrevistador: E. Forneck. Chapecó, 2008. Projeto de Pesquisa “Cooperalfa: memórias do cooperativismo.”